

INTERFACES RELIGIOSAS EM PROCESSOS DE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

DONATO, Bruna¹; NETO, Francisco Pereira²

¹Graduanda em Antropologia/UFPEL, brunnatga@hotmail.com; ²Doutor em Antropologia, Dep° de Antropologia e Arqueologia – ICH/UFPEL, francisco.fpneto@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em meados de junho de 2011 fui convidada a participar (como aluna bolsista) de um Projeto, intitulado como Elaboração de relatórios antropológicos de caracterização histórica, geográfica, econômica e sociocultural nas comunidades remanescentes de quilombos Fazenda Cachoeira, Moçambique e Monjolo, que tem como objetivo a realização de relatórios técnicos em três comunidades quilombolas da região central das antigas charqueadas do Rio Grande do Sul. As três comunidades estão situadas, respectivamente, nos Municípios de Piratini, Canguçu e São Lourenço do Sul. Projeto este viabilizado por um convênio entre INCRA, FSB (Fundação Simon Bolívar) e UFPEL (Universidade Federal de Pelotas). O Projeto conta com o apoio de uma equipe de pesquisa multidisciplinar promovendo conseqüentemente o diálogo da Antropologia com áreas como: Biologia, Geografia, Agronomia, História e Ciências Sociais para que, os relatórios antropológicos possam abarcar todo o contexto e problemática que envolve a elaboração do mesmo.

Meu objetivo nesta pesquisa em consonância com meu professor orientador Francisco Pereira Neto é dar conta do universo religioso em que está imersa cada uma destas comunidades e observar a reprodução cultural das influências que o tecem, pois pressuponho que o universo religioso é um meio de compreender muitos aspectos de uma dada sociedade/grupo, como sua organização espacial, social, perspectiva de observar/analisar o mundo em que vivem, dentre outros. À, princípio meu foco está todo voltado para a comunidade quilombola Fazenda Cachoeira, comunidade esta composta por cinco famílias onde há uma forte identificação com o pentecostalismo, sendo que, são irmãs da Pastoral da Igreja que prestam serviços sociais à comunidade. Ressalto que, o Projeto está apenas no início, conseqüentemente minha pesquisa também, portanto o que irei expor são somente as minhas primeiras impressões e observações referentes ao tema.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Venho construindo o trabalho, até o momento, através de conversas informais (conversas com as pessoas da comunidade), realização de entrevistas abertas semi-estruturadas, materiais fotográficos, bem com observação participante, resultantes de idas a campo em equipe ao menos uma vez por semana. Assim, a principal ferramenta de apoio tem sido o uso assíduo de diário de campo, sem negligenciar referências bibliográficas como dos Anjos (2006), além do imprescindível suporte para reforçar meus embasamentos teóricos, dado por disciplinas do curso de Antropologia que abarquem o espaço religioso e a concepção histórica e de vida dos afro-descendentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No dia 10 de junho de 2011 tive minha primeira ida a campo (acompanhada e amparada por uma equipe preparada) à comunidade Fazenda Cachoeira, sendo também minha primeira experiência em uma comunidade quilombola. Acompanhou-me neste dia um misto de expectativas e pré-conclusões sobre como seria socialmente e espacialmente uma comunidade que se auto-reconhece como “remanescentes de quilombos” (categoria jurídica que, segundo vários pesquisadores como Adelmir Fiabini, Alfredo Wagner, Ilka Boaventura Leite entre outros, é acompanhado por um histórico de disputas por terras). Cabe aqui uma citação do geógrafo e estudioso da causa quilombola Rafael S. A. dos Anjos, onde ele expõe de forma clara a importância do território para esses povos:

“O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. A terra, o terreiro, não significam apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que têm o registro da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente” (ANJOS, 2006)

Assim como fui a campo com a certeza da importância que o espaço territorial representa na vida dessas pessoas (por razões citadas acima), estava indo também com a convicção de que iria me deparar com um espaço religioso composto por religiões de matriz africana ou afro-brasileiras (umbanda ou candomblé). Para minha surpresa entrei em um campo confrontado por dois mundos religiosos que em nada têm a ver com uma religião afro-brasileira e a reprodução cultural trazida por ela, são eles o catolicismo e pentecostalismo. Por um lado, toda a comunidade quilombola Fazenda Cachoeira se define como de evangélicos, recebendo todo final de semana a visita de um pastor para pregar na comunidade, por outro, há mais de quinze anos as irmãs da Pastoral da Igreja da cidade de Piratini prestam assistência à toda comunidade. Inclusive na primeira visita que fizemos à comunidade juntamente com um representante do INCRA para formalizar o Projeto estava presente a irmã Mariza que conhece intimamente a história de cada membro da comunidade. Duas coisas surpreenderam-me, primeiro a não presença de uma religião afro-brasileira, segundo uma comunidade que se diz evangélica, mas que recebe ajuda das irmãs da Pastoral da Igreja Católica. Após o meu imediato espanto ao saber disso queria informar-me se seria possível uma convivência entre mundos religiosos tão distintos e qual o caráter destas conexões entre universos religiosos diferenciados.

Como já disse acima há mais de quinze anos a comunidade recebe auxílio das irmãs (Amada e Mariza) que cuidam de temas importantes como educação, alimentação, moradia e saúde, sendo responsáveis pelo forte apoio em prol do auto-reconhecimento da comunidade na categoria jurídica “remanescentes de quilombos”. Todos esses anos essas irmãs vem oferecendo assistência em todas essas áreas para a comunidade. Inclusive buscaram apoio para amenizar um drama vivido pela comunidade, quando uma grande empresa de plantação de pêssegos da região mantinha o seu cultivo muito próximo da comunidade e a aplicação de agrotóxicos estava trazendo complicações de saúde para as crianças. As irmãs sensibilizadas com a situação adotaram a causa e foram buscar meios legais de mudar a situação. Há mais ou menos dois anos a empresa parou com a plantação de pêssegos nos arredores da comunidade, mas ainda permanece na região. Além desta ajuda de destaque, as irmãs promovem na comunidade mini-cursos que ensinam receitas culinárias com frutas locais, artesanatos, acompanham quando

necessário, as mulheres da comunidade à cidade de Pelotas para resolverem questões pessoais entre outras eventuais emergências que possam vir a surgir.

A relação entre todos os membros da comunidade (pelo que observei até o momento) com as irmãs é marcada por uma forte cumplicidade, mesmo que tenham optado como reprodução da vida religiosa uma religião pentecostal (um pouco adiante voltarei a este assunto). Fico perguntando-me sobre esse cenário que pude observar até o momento, se essa inserção de membros da igreja evangélica na comunidade não seria uma tentativa de sufocar tradições culturais afro-brasileiras que, conseqüentemente se estendem a reprodução de um espaço religioso afro e, se também não seria uma forma inconsciente de “branqueamento” que vem acompanhando a comunidade de geração em geração, ou ainda, a relutância em não se entregar ao catolicismo possa ser um reflexo do que a igreja católica representou no passado escravista, quando o cristianismo era a religião dos senhores de escravos.

John Burdick ao escrever sobre pentecostalismo e identidade negra no Brasil, comenta que muitos entrevistados afro-descendentes disseram que após a conversão passaram a valorizar-se e a orgulhar-se de serem negros.

Um dos maiores atrativos do pentecostalismo, não só para os negros como para todos os convertidos, é sua habilidade em criar auto-estima, de muitas maneiras. Uma delas, e não a menos importante, é insistir em que, mesmo antes da conversão, todo ser humano, por mais indigno que se ache, é objeto da preocupação e do amor constantes de Jesus (BURDICK, 2002).

Outro fator muito interessante encontrado no meio dessa interface religiosa é que, em uma entrevista recente que tive com irmã Mariza, esta disse que apenas uma mulher da comunidade seria pentecostal os outros “eram deles” (querendo referir aos demais membros da comunidade como sendo católicos). Como é possível todos da comunidade se reconhecerem como pentecostais e as irmãs enxergarem, com exceção de uma pessoa, todos como sendo “seus”? Eis aí um fato curioso sobre o catolicismo que, diferente de uma religião pentecostal, por exemplo, têm uma flexibilidade maior quanto a aceitação de uma multiplicidade cultural, trata-se do catolicismo popular, uma religião para todos, capaz de abarcar todas as formas de manifestações culturais, “todos os tipos de católicos”.

Da mesma maneira que reconhecemos uma religião guarani, uma religião ancestralmente tarasca, uma religião aimara ou o candomblé, como religião de origem africana e negra no Brasil, assim também o que existe são modos próprios de relações históricas e culturais através dos quais o Catolicismo interagiu com religiões e culturas de guaranis, tarascos, aimaras, e diferentes categorias étnicas e culturais de negros na América Latina, para gerar variantes religiosas próprias, assim como símbolos apropriados, códigos de conduta e estilos de vida. Cada um de tais sistemas com a estrutura e as variações de sua própria peculiaridade, mas todos eles partilhando de uma mesma lógica, de uma mesma simbologia religiosa, de uma ética semelhante, de uma cosmovisão quase uniforme em seu substrato, porque partilha de um mesmo sistema original de fé (GONZÁLEZ; BRANDÃO; IRARRÁZVAL, 1992).

Observo, até o momento, em Fazenda Cachoeira que apesar de um pluralismo religioso, no fim, para as irmãs todos são católicos, o que existe ali é apenas uma pluralidade de variantes do ser católico.

4 CONCLUSÃO

Fica evidente por enquanto que, existe uma forma influência da religião no modo de vida cultural e social da comunidade. São os mundos religiosos existentes ali que direcionam o posicionamento do grupo. Como a pesquisa encontra-se no início, apresentei apenas minhas primeiras observações/impressões, mas é evidente que estou diante de um pluralismo religioso e os atores sociais envolvidos interpretam essa interconexão religiosa de acordo com sua visão de mundo, seja esse ator pertencente a uma comunidade quilombola, seja esse ator pertencente a uma instituição religiosa.

5 REFERÊNCIAS

GONZÁLEZ, José Luís; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo Popular**: História, Cultura, Teologia. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1992.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **No Território da Linha Cruzada**: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Ed. Aori Comunicação, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2002. Cap. I, P. 43 – 80.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos No Brasil: Questões Conceituais e Normativas. **NUER**. Florianópolis, vol. IV, nº 07. p. 333 – 354.

BURDICK, John. Pentecostalismo e Identidade Negra no Brasil: Mistura Possível. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2002. Cap. V, p. 185 – 209.